

# EDITORIAL

## Dossiê História e Cidades

Editorial  
Dossier History and Cities

Luciana Teixeira de Andrade\*

Este texto traz algumas notas, mais interrogativas e dialógicas, do que prescritivas e conclusivas, sobre o atual estágio dos estudos urbanos. Foram escritas a partir de uma perspectiva sociológica, procurando um diálogo com a história e o campo alargado dos estudos urbanos.

No campo dos chamados estudos urbanos, observam-se hoje dois movimentos simultâneos. Um de fragmentação em distintas temáticas relacionado à intensificação da urbanização. Afinal, em um mundo cada vez mais urbano, o que escaparia aos seus estudiosos? Um segundo, em direção a interdisciplinaridade. Afinal, como compreender o mundo contemporâneo globalizado no estrito campo da sociologia, da história, do urbanismo, da geografia, da antropologia, do direito ou da economia? Se a interdisciplinaridade retira de cada disciplina o domínio exclusivo da temática urbana, por outro lado alarga seu campo de interesse e seu horizonte. (PERRY; HARDING, 2002; MAY et al, 2005).

Como compreender as cidades nesse momento de intensas mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais? Quais são os desafios para os estudos urbanos?

Há um século atrás as diferenças entre o urbano e o rural eram de tal magnitude que a própria cidade foi por muitas vezes definida em oposição ao rural. Hoje, tais distinções foram matizadas a ponto dessa oposição perder a sua clareza. As cidades

---

\* Doutora em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Pós-doutora pelo Centre for Urban Studies da Universidade de Amsterdam. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Pesquisadora do Observatório das Metrôpoles.

modernas que durante décadas foram organizadas em torno das indústrias, viram suas antigas fábricas serem fechadas, o trabalho industrial foi reduzido de tal forma que contingentes de operários foram forçados a migrar ou a viver em condições de grande precariedade. Em algumas cidades, bairros inteiros perderam população e vida urbana com o fechamento das fábricas. Antigas fábricas se transformaram em espaços abandonados e em ruínas, outras em *shopping centers*, centros culturais e outros tantos tipos de equipamentos. Essas destruições provocaram outras territorializações, outras relações entre países e continentes, entre antigas e novas cidades. A política, questionada nas suas formas tradicionais, vive momentos de interrogação sobre novas possibilidades ainda não encontradas ou pouco definidas e experimentadas. A cultura saiu dos museus para as ruas, mas ao mesmo tempo há uma inflação de museus pelas cidades, como há também tentativas de controlar ou mercantilizar essa arte das ruas que emergiu nas margens das cidades, em espaços abandonados e esquecidos. O interessante é que a intensidade e a variedade dessas mudanças, acabaram por provocar um renovado interesse pela história e pelo passado. Além dos já mencionados museus, a preservação do patrimônio material e imaterial (até porque não deveriam ser pensados separadamente), mostram uma curiosidade e necessidade de compreensão do passado que leve à descoberta de novos atores, práticas e modos de vida. Se ater com o passado é também uma forma importante dos estudos urbanos em pensar o futuro. Afinal, se muitas foram as conquistas, nem tudo mudou para melhor. Não se trata de um saudosismo conservador, mas de um diálogo com tempos e espaços, com expectativas e utopias.

Estes são alguns exemplos arbitrários colocados aqui com o intuito de provocar uma reflexão sobre o urbano no contexto de um mundo globalizado que produz novas territorialidades, novas identidades, novas desigualdades. Desigualdades econômicas, culturais e urbanas. Compreender os diferentes tipos de cidade, é um desafio dos estudos urbanos, compará-las é outro. Afinal as diferenças e as semelhanças emergem no exercício da comparação. E, nesse mundo cambiante, mas também diverso, as metodologias comparativas precisam avançar contra as forças colonizadoras (no campo da própria ciência), que pretendem ditar os limites do que é e não é comparável (ROBINSON, 2011). A internacionalização da nossa ciência depende não apenas de recursos, mas também de ousadia. Afinal, fomos por tantos anos estudados por outros, comparados pelos outros, que nos acostumamos a olhar só para nós mesmos, delegando a outros a comparação.

Feitas essas notas sobre os nossos desafios contemporâneos, gostaria de voltar a dois antigos textos cujas colocações soam hoje bastante atuais.

O primeiro deles é de um dos mais importantes representantes da Escola de Chicago, Robert Ezra Park: “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”, publicado originalmente em 1916, no **American Journal of Sociology** e em português no livro **O Fenômeno urbano**, organizado por Otávio Guilherme Velho (1987). Neste texto, Park apresenta uma agenda extremamente detalhada de pesquisa no meio urbano. Ele nos convida a entender como as mudanças do mundo moderno se manifestam nas relações dos homens com o espaço, dos homens com seus vizinhos, seus amigos, seus chefes, enfim como a vida urbana se processa. Para Park o pesquisador urbano é aquele que olha a forma da cidade e as interações de seus habitantes; suas organizações, suas relações de vizinhança, “nascentes e em processo de dissolução”, seus fluxos cotidianos, as possibilidades do exercício da liberdade, os processos de segregação e de controle, as instituições que organizam a vida do bairro, os encontros e os isolamentos, o processo de criação e destruição das profissões, a forma como os grupos se formam e se organizam em relação ao seu local de moradia, mas também em relação aos seus gostos e temperamentos, como se constroem as distâncias e as proximidades, enfim, como as grandes mudanças se expressam nesses “mosaicos de pequenos mundos”, que constituem uma cidade.

O segundo texto, “Sociologia: questões e problemas”, de Anthony Giddens, é um dos capítulos do livro **Sociologia – uma breve porém crítica introdução**, publicado originalmente em 1982. Depois de abordar o surgimento da sociologia e da sua definição, Giddens termina o texto falando de um tríplice exercício de imaginação sociológica que envolve uma sensibilidade histórica, antropológica e crítica. Em função do contexto deste texto vou me ater à primeira e à última. Para Giddens, o sociólogo que analisa a sociedade atual deve se esforçar para compreender o mundo passado e a sociedade que se foi, pois só assim compreenderá o que há de novo e singular, mas também o que há de continuidade no modo em que vivemos hoje. Isso é o que ele chama de sensibilidade histórica. Seguindo o mesmo raciocínio, penso que podemos também falar de uma sensibilidade sociológica, para os outros campos de conhecimento. Afinal a interdisciplinaridade só é possível quando as disciplinas comparecem com os seus legados, mas também com as suas sensibilidades para incorporar o que vem de outros campos. Por fim, Giddens fala de uma sensibilidade crítica, que concerne às possibilidades futuras. Só assim podemos ultrapassar o ponto de

vista estreito de só pensar em termos da sociedade em que vivemos. Se a sensibilidade histórica nos chama a atenção para o nosso passado, a sensibilidade crítica nos alerta quanto as nossas possibilidades futuras, mostra que os processos sociais e históricos não são regidos por leis inalteráveis e que não estamos condenados a sermos arrastados por forças inevitáveis.

### REFERÊNCIAS

GIDDENS, Anthony. Sociologia: questões e problemas. In: GIDDENS, Anthony. **Sociologia – uma breve porém crítica introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984. p. 9-27.

PERRY, Beth; HARDING, Alan. The future of urban sociology: report of joint sessions of the British and American Sociological Associations. **International Journal of Urban and Regional Research**, Oxford, 26(4), p. 844-853, dec. 2002. Disponível em: <[http://www.blackwellpublishing.com/content/BPL/Images/Journal\\_Samples2/IJUR0309-1317~26~4/423.PDF](http://www.blackwellpublishing.com/content/BPL/Images/Journal_Samples2/IJUR0309-1317~26~4/423.PDF)>. Acesso em: 02 maio 2017.

MAY, Tim, et al. The future of urban sociology. **Sociology**, London, v. 39, n. 2, p. 343-370, apr. 2005. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0038038505050544>>. Acesso em: 02 maio 2017.

ROBINSON, Jennifer. Cities in a world of cities: the comparative gesture. **International Journal of Urban and Regional Research**, Oxford, 35(1), p. 1-23, jan. 2011. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1468-2427.2010.00982.x/pdf>>. Acesso em: 02 maio 2017.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p. 26-67.